

Carrapichos nas *Memórias da Emília*, de Monteiro Lobato

Eugênia Stela Ferreira Gomes¹

RESUMO:

Esse estudo, que se propõe a colher carrapichos nas *Memórias da Emília*, utiliza como referencial teórico o dialogismo, de Mikhail Bakhtin, e a noção de intertextualidade proposta por Julia Kristeva, numa perspectiva comparatista: intratextual com a escrita ‘não-ficcional’ lobatiana, principalmente, *A barca de Gleyre*, e sua literatura infantil, com ênfase em *Reinações de Narizinho* e *Viagem ao céu*, e intertextual com o *Ecce Homo* e o texto *Verdade e mentira* do filósofo alemão Friederich Nietzsche.

Palavras-chave: Dialogismo; Intertextualidade; Monteiro Lobato; Nietzsche; Literatura Infantil.

*Ler não para amontoar coisas, mas para atrair coisas.
Não coisas escolhidas conscientemente, mas coisas
afins, que nos aumentem sem o percebermos.*
Monteiro Lobato

Quantas vezes, ao realizarmos o processo de leitura como um ato de recolher, colher, espiar, tomar, reconhecer traços, deparamo-nos com a impressão de ali haver um reconhecimento, não somente no sentido utilizado pela psicologia, mas no sentido platônico de uma recordação de verdades anteriores. Quando ler passa a ser uma participação ativa, de apropriação, de comparação, fica-nos a questão: de que maneira um texto se relaciona ao que já lemos antes?

Propomo-nos aqui, portanto, a colher, através da Marquesa de Rabicó e de seu discurso memorialístico, os arbustos das leguminosas que, com seus pequenos espinhos ou pêlos, aderem facilmente à roupa (no nosso caso, à escritura) do homem, de modo a vermos

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Federal do Ceará, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Celina Fontenele Garcia.

mil coisas que o autor não disse, mas que com seus carrapichos soube acordar em nós, e assim atendemos a um pedido de Lobato: o de ser seu colaborador.²

Baseando-nos na premissa de Mikhail Bakhtin de que “a vida, não se encontra só fora da arte, mas também nela, no seu interior, em toda plenitude do seu peso axiológico: social, político, cognitivo ou outro que seja”³, constatamos não ser o texto um evento isolado. Este se insere num momento histórico e é marcado pelas condições desse momento, de forma que para se alcançar um entendimento do enunciado poético é preciso analisar em detalhes certos aspectos dos enunciados verbais fora do campo da arte, enunciados extraídos da fala da vida e dos comportamentos cotidianos.

Não pode haver, de acordo com a assertiva bakhtiniana, uma separação entre o estudo da estrutura imanente da obra e a interação causal existente entre a literatura e o meio social circulante, ou seja, o discurso verbal não pode ser compreendido independentemente da situação social que o engendra, nem a sua abordagem pode ser restrita ao ponto de vista da psique do criador e do contemplador. Para o filólogo soviético, que procura ver a linguagem em sua realidade concreta, como materialização das ideologias, a tentativa de religar o sentido e a vida passa necessariamente pela fala que, dialogicamente, incorpora e representa os discursos de outros. Assim, o modo de existência da linguagem é o dialogismo, pois em cada enunciado, em cada palavra ressoam vozes: a do eu e a do outro.

Julia Kristeva, fundamentando-se nos estudos de Bakhtin, expande a concepção de dialogismo e, ao afirmar que as palavras, para se tornarem dialógicas, necessitam encontrar

² LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. v. 12. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 14. As cartas aqui apresentadas fazem parte da correspondência trocada com Godofredo Rangel. A ortografia foi atualizada, e a pontuação, respeitada.

³ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução Aurora F. Bernardini e outros. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1988. p. 33.

outra esfera de existência, ou seja, precisam tornar-se discurso, propõe a noção de intertextualidade.⁴

O texto se constrói, portanto, como um mosaico de citações, às vezes absorvidas e transformadas, donde para o preenchimento dos vazios do texto faz-se necessário recorrermos à memória de outros textos, visto ser o processo de escrita igualmente resultante do processo de leitura de um *corpus* literário anterior. O que nos permite acreditar na inexistência de enunciados neutros e que “toda repetição vem carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor.”⁵

Entretanto, a apropriação é uma ‘prática dissolvente’ que, ao acontecer, “sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o re-inventa.”⁶ Assim, ao concebermos o texto como um intercâmbio discursivo, no qual confluem, entrecruzam, se metamorfoseiam, se corroboram ou se contestam outros textos, outras vozes e outras consciências, é necessário alargarmos nosso campo de leitura (que muitas vezes é tão embrionário) de forma a percebermos os invisíveis carrapichos que o aderem, pois “ninguém pode captar nas coisas, incluídos os livros, mais do que ele mesmo já sabe.”⁷

Na busca desses carrapichos, tecemos um confronto comparatista das memórias da boneca de pano numa perspectiva intratextual com a escrita ‘não-ficcional’ lobatiana, em especial, *A barca de Gleyre*, e sua literatura infantil, com ênfase em *Reinações de Narizinho* e *Viagem ao céu*, e intertextual com o *Ecce Homo* e o texto *Verdade e mentira* do filósofo alemão Friederich Nietzsche, visto ser através da perspectiva nietzscheana que a marquesa de Rabicó discute um dos pontos cruciais da escrita memorialística: o conceito de verdade.

⁴ KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. Tradução Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 64.

⁵ CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2004. p. 53-54.

⁶ Id. *Ibidem*. p. 54.

⁷ NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Tradução Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2003.

Emília, em suas memórias, transforma-se no alter-ego⁸ do seu criador, ressaltando a visão lobatiana do mundo e dos homens, as leituras e, principalmente, a influência da filosofia de Nietzsche. A boneca antes de iniciar a tessitura de suas reminiscências defronta-se com questionamentos sobre o conceito de memória e, ao defini-lo como “a história da vida da gente, com tudo o que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte”⁹, enfatiza que na sua narrativa tudo será a mais pura verdade.

Verdade? O que é verdade, contudo? Nietzsche nos diz que “as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que são; metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível...”, enfim, “uma soma de relações humanas que foram enfatizadas poética e retoricamente transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, econômicas e obrigatórias...”¹⁰ A boneca serve-se das palavras do filósofo e nos dá sua versão: “Bem sei que tudo na vida não passa de mentira”, pois “[v]erdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia.” (ME p. 3)

Lobato não fez na vida outra coisa senão “trilhar o conselho nietzscheniano, indiferente a censuras ou aplausos ou a interesses.”¹¹ Desenvolver-se a si mesmo e só defender algo de que se tenha absoluta convicção pessoal foram os maiores ensinamentos por ele assimilados: “Nietzsche, que é um tanque desbravador de tudo, e tem a sublime coragem de nos dizer: *Vade mecum? Vade tecum*. Queres seguir-me? Segue-te.”¹² É essa filosofia que

⁸ Alter ego em latim quer dizer o outro eu, é uma segunda personalidade ou persona dentro da pessoa Emília é, segundo Nelly Novaes Coelho, a personagem mais importante para se compreender o universo lobatiano, é dela que surge o tom iconoclasta, a quebra das imagens consagradas, e que brilha a manifestação de pluralidade.

⁹ LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. Obras completas. v. 5. São Paulo: Brasiliense, 1965. p. 3. Todas as citações referentes a essa obra foram utilizadas dessa edição, assim as notas seguintes terão entre parêntese a sigla ME acompanhada da página.

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich W. *Obras incompletas*. Sel. Gérard Lebrun; Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 34. Os pensadores.

¹¹ LOBATO, Monteiro. “Confissões ingênuas”, *O Estado de S. Paulo*, 24 abril 1953. In: LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. p. 21-22.

¹² _____. Op. cit. v. 12. p. 155.

encontramos na personagem Emília, de maneira que Lobato, consciente da força da boneca, declara: “Cada vez mais, Emília é o que quer ser, e não o que eu quero que ela seja.”¹³

A impertinência de Emília torna-se patente no seu lembrar: especialmente quando transforma o sabugo de milho em seu secretário. Este traz papel, pena e tinta e prepara-se para escrever. A memorialista tosse, cospe, engasga e, para ganhar tempo, vem com exigências: “Esse papel não serve, Senhor Visconde. Quero papel cor do céu com todas as suas estrelinhas. Também a tinta não serve. Quero tinta cor do mar com todos os seus peixinhos. E quero pena de pato, com todos os seus patinhos.” (ME, p. 5) Essas imposições da boneca são abordadas por Lobato ao divagar em uma de suas missivas: “Nogueira tem preocupações cômicas – a qualidade do papel, o tamanho das margens, ilustrações...”¹⁴ Note-se, portanto, não ser a palavra literária estática, mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de outras escrituras: do escritor, da personagem (no nosso caso, Emília), como do contexto cultural atual (*Memórias da Emília* são de agosto de 1936) ou anterior (a carta é de abril de 1912).

Ultrapassadas as dificuldades do iniciar, a narrativa memorialística da boneca principia como *As aventuras de Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. (Importa lembrar que esse livro, além de ter sido traduzido por Lobato, foi também o seu predileto). Emília, como Crusoe cujas memórias começam assim: “Meu nome é Robinson Crusoe. Nasci na velha cidade de Iorque...”¹⁵, passa a ditar as suas: “Nasci no ano de... (três estrelinhas), na cidade de... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada (...). E nasci numa saia velha de tia Nastácia. E nasci vazia. Só depois de nascida é que ela me encheu de pétalas de uma flor cor de ouro que dá nos campos e serve para estufar travesseiros.” (ME, p. 10) Visconde,

¹³ LOBATO, Monteiro. Op. cit. p. 341-342.

¹⁴ Id. Ibidem. v. 11. p. 327.

¹⁵ DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Tradução e adaptação Monteiro Lobato. Obras Completas. v. 8. São Paulo: Brasiliense, 1965. p. 1. O nome Crusoe foi mantido sem acentuação nas citações, de acordo com a edição utilizada.

ênfatizando a escrita em linguagem “desliteraturizada”¹⁶, pede para que a boneca “diga logo que é macela que todos entendem.” (*ME*, p. 10).

Monteiro Lobato considera que o correto é escrever com o mínimo possível de literatura, “porque a desgraça da maior parte dos livros é sempre o excesso de ‘literatura’.”¹⁷ Para comprovar sua assertiva, compara a arte da pintura com a literária: “o segredo da aquarela: não empastar as cores, não sobrepor tintas, pois só assim alcançamos o que nesse gênero há de mais belo: a transparência. No estilo literário dá-se a mesma coisa: o empastamento mata a transparência, tal qual nas aquarelas”.¹⁸

Emília, aderindo ao estilo lobatiano, refaz seu texto: “fui enchida de macela que todos entendem e fiquei no mundo feito uma boba, de olhos parados como qualquer boneca. E feia.” (*ME*, p. 10) A boneca se achava “feia que nem uma bruxa.” (*ME*, p. 10) Também, Lobato, que a apresentara em “A menina do narizinho arrebitado”, ênfatiza sua feiúra: “uma boneca de pano, fabricada pela preta e muito feiosa, a pobre, com seus olhos de retrós preto e as sobancelhas tão lá em cima que é como ver uma cara de bruxa.”¹⁹ Todavia Emília foi melhorando. Era muda, hoje fala e fala normalmente, pois, quando tomou a pílula do Doutor Caramujo e falou, falou, falou sem parar, esgotou todo o reservatório de palavras. Entretanto, para Visconde, a fala da boneca ficou muito acima do normal, “porque a verdade é que você [Emília] ainda hoje fala mais do que qualquer mulherzinha.” (*ME*, p. 11)

Esse preconceito do sabugo é observado em um texto lobatiano que fala sobre palestras femininas: “Palestra é modo de dizer; numa audição é o certo, porque as mulheres, no geral, não conseguem manter o tom da conversação equilibrado no ritmo alternativo do ‘fala um, responde outro’. Nada disso. O que elas querem é falar. Falar por falar. Falar a todo

¹⁶ LOBATO, Monteiro. Op. cit. v. 12. p.233. Inúmeras cartas de Lobato a Rangel atestam sua luta por tirar do texto tudo o que tenha sotaque acadêmico.

¹⁷ Id. ibidem. p. 233.

¹⁸ Id. ibidem. p. 339-340.

¹⁹ _____. “A menina do narizinho arrebitado”. In: _____. *Reinações de Narizinho*. Obras Completas. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1965. p. 35.

o transe (...) até à exaustão.”²⁰ Observa-se aqui um processo de intratextualidade, posto que o escritor retoma sua própria escritura e a reescreve.

Visconde, como redator das reminiscências da boneca, utiliza-se do recurso da intratextualidade e faz referência a outras obras lobatianas. Abrimos, aqui, um parêntese para dizer que Lobato é mestre em citar suas obras no estilo nietzscheano, posto que o filósofo alemão por diversas vezes cita obras suas no interior do seu texto sem o menor destaque, como se aquelas fizessem parte indistinta deste. Roland Barthes²¹ nos diz ser um direito do escritor dialogar com seus próprios textos, e assim considerar seus textos antigos como se fossem textos outros, que ele retoma, cita ou deforma como faria com uma quantidade de outros signos. Fechemos o parêntese e voltemos ao lembrar.

Mas a Marquesa de Rabicó fala bem, sabe dizer coisas engraçadas e filosóficas. Dona Benta já declarou que a boneca tem coisas de verdadeiro filósofo. Filósofo? O que é um filósofo? Emília tem sua concepção: “um bicho sujinho, caspento, que diz coisas elevadas que os outros julgam que entendem e ficam de olho parado, pensando, pensando.” (*ME*, p. 11-12) Pensando o quê? Questiona Visconde. Pensando que entenderam, responde a boneca. De forma que Emília quer que suas memórias comecem com sua filosofia de vida: “A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo, é isso. Um rosário de piscadas. Cada piscado é um dia. Pisca e mama; pisca e anda; pisca e brinca; pisca e estuda; pisca e ama; pisca e cria os filhos; pisca e geme os reumatismos; por fim pisca pela última vez e morre.” (*ME*, p. 12-13) E acrescenta que quando se morre se vira hipótese.

Lobato transpõe para Emília uma de suas críticas sobre os que escrevem e posam de filósofos em sua escrita: “A vida é uma atitude. As filosofias são atitudes diante da Vida. O Homem é uma atitude. Tudo é atitude. E com esse atitudismo (...) Está causando sucesso em

²⁰ LOBATO, Monteiro. Op. cit. p. 87.

²¹ BARTHES, Roland. “Drama, poema, romance (1965-1968). In: _____. *Sollers escritor*. Tradução Lígia Maria Pontes Vassallo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: EUFC, 1982. p. 13.

uma rodinha semi-industrializada, como se fosse um homem caído de Marte.”²² Também Nietzsche, considera que as sentenças que esses filósofos-do-mundo-inteiro falam, sobre as quais todos estão de acordo, parecem simples ingenuidades do engano.²³ Esse compartilhamento das falas da boneca, Lobato e Nietzsche corroboram para a concepção de que “tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis...”²⁴

Na concepção lobatiana, coletar modos de dizer, jeitos de expressão afins, varejar por autores adentro, saindo de seus livros como quem sai dum jardim, com uma braçada de flores é uma forma de enfeitar o ambiente de trabalho.²⁵ Esses enfeites são observados em toda narrativa das *Memórias da Emília*, especialmente quando Visconde, por sugestão da boneca, conta a história de Flor das Alturas, um anjinho que quebrara sua asa ao esbarrar no sabugo, na viagem pela Via Látea²⁶.

O sabugo narra o fato de a boneca de pano ter se tornado professora do anjo. Esta, ao ensinar o significado das coisas na terra, esclarece: “você não imagina como é interessante a língua que falamos aqui! As palavras da nossa língua servem para indicar várias coisas diferentes, de modo que saem os maiores embrulhos”. (*ME* p. 18) Tanto que, ao explicar o que é cabo, a boneca cria uma verdadeira desordem: “Cabo é uma perna só por onde a gente segura. Faca tem cabo. Garfo tem cabo. Bule tem cabo (e bico também). Até os países têm cabo (...) Os exércitos também têm cabos. Tudo tem cabo, até os telegramas. Para mandar um telegrama daqui à Europa os homens usam o cabo submarino.” (*ME*, p. 18) Nessa passagem o

²² LOBATO, Monteiro. Op. cit. v. 11. p. 339.

²³ NIETZSCHE, Friedrich W. Op. cit. p. 78

²⁴ BAKHTIN apud BRAIT, Beth. “As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso”. In: BARROS, Diana Pessoa. FIORIN, José Luiz. (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1999. p. 14.

²⁵ LOBATO, Monteiro. Op. cit. v. 12. p. 9.

²⁶ No livro *Viagem ao céu*, Lobato conta as aventuras de Emília, Visconde, Narizinho e Pedrinho no país dos astros. Na volta dessa viagem, Emília traz consigo um anjinho de asa quebrada que descobrira entre as estrelas.

intratexto lobatiano é novamente notado, visto que, em um de seus trocadilhos com Rangel, escreve: “‘Alcançar pé’: não concordo contigo, não é preciso ter pé para alcançar pé. E, além disso, varejão tem pé, toda ponta de vara ou pau voltada para baixo é pé (pé do esteio, pé do mourão). (...) Como é difícil esta peste de língua portuguesa!”²⁷ Lobato, por reputar à língua portuguesa uma atenção curiosa e indagadora e se deleitar ao acompanhar a evolução de um vocábulo, buscou travar “conhecimento pessoal, direto, com todos os vocábulos, em demorada, pensada e meditada vocabulação dicionarística.”²⁸

Na realidade, Lobato intenta mostrar a visão da humanidade por um ser não-humano, tal qual Nietzsche que concebe um “super-homem” (Übermensch)²⁹, um indivíduo capaz de desenvolver plenamente a condição humana, criando novos valores e sentidos para a realidade. Ora, o grande sonho lobatiano é: “O homem visto pelos olhos dum ser extra-humano (...). Um quadro da humanidade feito de idéias de um não-homem (...). E essa pintura seria um susto e um assombro para o homem, que não consegue jamais conhecer-se a si mesmo porque ninguém o desnuda.”³⁰ Que visão possui Emília senão a de fora do mundo dos humanos, pois, além de ser uma boneca (simulacro do homem), não é de porcelana, mas de pano (simulacro do simulacro).

A perspectiva da boneca é a desejada por Lobato, como vemos nas explicações das coisas da terra: ao falar da árvore: “é uma pessoa que não fala; que vive sempre de pé no mesmo ponto; em vez de braços tem galhos; em vez de unhas tem folhas; que em vez de andar falando da vida alheia e se implicando com a gente (como os tais astrônomos), dão flores e frutas.”(ME, p.16-17) Ou do machado: “é o mudador das árvores – muda a forma

²⁷ LOBATO, Monteiro. Op. cit. v. 12.. p. 112.

²⁸ Id. Ibidem. v. 11. p. 263.

²⁹ Na edição comentada do *Ecce Homo*, de Nietzsche, o tradutor insere uma nota esclarecendo que a tradução mais apropriada para Übermensch seria “além-do-homem”, contudo, opta por “super-homem” visto ser uma expressão tão consagrada que foi dicionarizada por Houssais.

³⁰ LOBATO, Monteiro. Op. cit. v. 11. p. 341.

delas, fazendo que o tronco e as árvores fiquem curtinhos. Muda-lhes até o nome. Árvore machadada deixa de ser árvore. Passa a ser lenha.” (ME, p. 18)

“Torneirinha de asneira”? Certamente que não. Emília possui é um modo diferente de encarar as coisas. Como ela mesma enfatiza: “Não sei se é filosofia ou não. Só sei que é como sinto e penso e digo.” (ME, p. 141) Mas na verdade, não é fácil entender as coisas da Terra e, se pararmos para pensar, uma grande confusão se forma em nossa cabeça. De maneira que, para a boneca, todo mal vem da língua: “Se os homens não falassem, tudo correria muito bem, como entre os animais que não falam.” (ME, p. 19) Lobato, também, tece, em um de seus artigos, considerações sobre esse fato. Assim, enfatizando que os animais se conduzem muito mais sabiamente que os homens, escreve: “Já os homens, como possuem inteligência e imaginação, olham para trás e para a frente; para o ontem e para o amanhã; observam os fenômenos e inventam para eles engenhosas explicações; depois concebem jeitos complicados e indiretos de atingir fins remotos.”³¹

Constatamos ser Emília uma professora inovadora. Contudo, por mais que a boneca explicasse as coisas da terra para o anjinho, este cada vez as entendia menos. Enquanto isso, a história do anjinho correu o mundo e todas as crianças ficaram interessadas em ir ao Sítio do Picapau Amarelo para conhecê-lo. Como a capacidade do sítio era insuficiente para comportar todas de uma vez só, foi feito um sorteio e o primeiro país que pôde enviar as suas foi a Inglaterra. De forma que o rei do Império Britânico mandou preparar um grande navio e nele embarcou a criançada inglesa, entre eles Alice, Peter Pan e, camuflados, Capitão Gancho e Popeye.

Lobato, que pôs nos lábios de Dona Benta a história de *Peter Pan*³² - o menino que não queria crescer - nos conta que traduziu *Alice no país das maravilhas*³³, de Lewis

³¹ LOBATO, Monteiro. Op. cit. p. 320.

³² _____. Op. cit. p. 147.

Carroll, apesar de considerá-la uma obra intraduzível, por artes de Narizinho que, por não saber inglês, fez questão de vê-la em português. No seu rememorar, Emília dá ênfase a esse fato: quando tia Nastácia se surpreende com a inglesinha falando a nossa língua, a boneca explica: “Alice já foi traduzida em português.” (ME, p. 88) Assim, nas *Memórias da Emília*, além da presença dos personagens dessas obras, conseguimos catar mais alguns carrapichos. Vejamos.

Com a notícia da chegada dos ingleses, gera-se no sítio um clima de apreensão, especialmente nas crianças, que tinham medo do anjinho ser raptado. Então Emília surge com suas famosas idéias: fantasiar o Visconde de anjo e esconder Flor das Alturas no oco da figueira. Porém o anjinho, com medo do escuro, declara: “Aqui há ratos de asas.” (ME, p. 31) A mesma designação foi feita por Alice quando, ao correr atrás do coelho, cai em um buraco e, na queda, para matar o tempo, pensa na sua gatinha Diná: “Minha cara Diná, eu só queria ver você aqui neste buraco para caçar uns morcegos. Sim, porque eu estou caindo no ar e no ar não há rato, há morcegos, que são ratos de asas.”³⁴

Ainda nessa descida Alice vê muitos armários e estantes. “Num desses armários havia um pote com letreiro. Alice leu: ‘Laranjada’. Destampou o pote, já lambendo os lábios e com água na boca. Vazio!”³⁵ No entanto, quando de sua visita ao Sítio do Picapau Amarelo, a menina realiza seu desejo: “Que coisa gostosa – murmurou Alice – chupar laranja-lima ao lado de um anjinho do céu que conta as coisas de lá!” (ME, p. 54-55) Aqui, se faz bem presente a voz de Lobato que, em uma das páginas de um velho diário da mocidade, põe as laranjas em lugar de destaque: “É a mais generosa dádiva com que nos enriqueceu Pomona. Se o país ainda o não percebeu, culpa não cabe à deusa nem à fruta.”³⁶ A apologia lobatiana

³³ CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Tradução e adaptação Monteiro Lobato. Obras Completas. v. 4. São Paulo: Brasiliense, 1965.

³⁴ CARROLL, Lewis. Op. cit. p. 6.

³⁵ Id. Ibidem. p. 4.

³⁶ LOBATO, Monteiro. Op. cit. p 120-121.

à laranja é ratificada por Visconde que escreve: “Ao verem aquilo [laranja] as outras crianças também ficaram com água na boca. (...) O avançado foi tamanho que não ficou no pomar uma só laranja para remédio. (...)” (ME, p. 54).

Chegamos ao final de nosso passeio pelos jardins da ficção carregados de flores e carrapichos, mas algo ainda nos falta para completar o enfeite de nosso trabalho: compreender de que forma Lobato compõe sua tessitura? Para solucioná-la, fomos ao encontro de Dona Aranha³⁷. Esta, uma costureira afamada, nos falou (metaforicamente) sobre o tecido do vestido maravilhoso de Narizinho, feito pela Fada Miragem, com a tesoura da imaginação, a agulha da fantasia e a linha do sonho. O processo lobatiano é, portanto, o de “anotar as boas frases, as de ouro lindo, não para roubá-las do dono, mas para pegar o jeito de também tê-las assim, próprias”³⁸, pois Monteiro Lobato, como tecelão do texto literário, usa com liberdade a imaginação, a criação e a recriação, trazendo para o texto fios e cores de suas vivências, experiências e, especialmente, de suas leituras.

Até então pensáramos ser a literatura infantil povoada somente por reis e princesas, fadas e bruxas, lobos e chapeuzinhos, descobrimos, contudo, que nela habitam bonecas de panos e sabugos de milho. E ainda que nos livros ressoa não só a voz do autor, mas também a de outros autores, de forma que não raro os livros falam de livros, como se dialogassem entre si. Ora, *Memórias da Emília* não é um intermediário transparente como a escrita autobiográfica se dispõe a ser, mas um fenômeno que, na sua tessitura, traz impressas referências e vozes. Seria isso loucura? Sonho? visto que, para Lobato, “tudo é loucura ou

³⁷ Personagem de *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, que tece e costura o vestido maravilhoso do casamento da menina com o Príncipe Escamado. Dona Aranha, num processo intratextual, em *Ficções lobatianas: Dona Aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*, de Horácio Dídimo, transcria a lenda de Aracne, tecendo e costurando os episódios de *Reinações de Narizinho*.

³⁸ LOBATO, Monteiro. Op. cit. v. 12. p. 7.

sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira – mas já tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum.”³⁹

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR E SILVA, Vitor M. de. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1991.
- AZEVEDO, Carmen Lúcia de. CAMARGOS, Márcia. SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução Aurora F. Bernardini e outros. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1988.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1999. Ensaio de Cultura, 7.
- BARTHES, Roland. *Sollers escritor*. Tradução Lígia Maria Pontes Vassallo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: EUFC, 1982.
- CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Tradução e adaptação de Monteiro Lobato. Obras Completas. v. 4. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- _____. *Alice no país do espelho*. Tradução e adaptação de Monteiro Lobato. Obras Completas. v. 5. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2004. p. 53-54.
- CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1955.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil juvenil brasileira*. São Paulo, EDUSP. 1995. p. 143.
- COUTINHO, Eduardo F. CARVALHAL, Tânia Franco. (orgs.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

³⁹ LOBATO, Monteiro. Op. cit. p. 178.

- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Tradução e adaptação Monteiro Lobato. Obras Completas. v. 8. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- DÍDIMO, Horácio. *Ficções lobatianas: Dona Aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*. Fortaleza: EUFC, 1996.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- LAJOLO, Marisa. (org.) *Monteiro Lobato*. São Paulo: Abril Educação, 1981. (Literatura Comentada)
- LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Obras Completas. v. 11 e 12. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- _____. *Memórias da Emília*. Obras Completas. v. 5. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- _____. *Mundo da lua e Miscelânea*. Obras Completas. v. 10. São Paulo: Brasiliense, 1948.
- _____. *Peter Pan*. Obras Completas. v. 5. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- _____. *Prefácios e entrevistas*. Obras Completas. v. 13. São Paulo: Brasiliense, 1948.
- _____. *Reinações de Narizinho*. Obras Completas. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- _____. *Viagem ao céu*. Obras Completas. v. 2. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras incompletas*. Sel. Gérard Lebrun; Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Os pensadores.
- _____. *Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato*. Rio de Janeiro: Dunya, 1997.
- SANDRONI, Luciana. *Minhas memórias de Lobato, contada por Emília, Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa*. São Paulo: Companhia da Letrinhas, 1997.
- SANT'ANA, Affonso Romano. *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ática, 2003.
- SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Tradução de Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- STEINER, George. *Nenhuma paixão desperdiçada*. Tradução de Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TEZZA, Cristóvão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

WELLEK, René. WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. 5ª. ed. Tradução de José Palla e Carmo.

ZILBERMAN, Regina (org). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.